

**F**ormação de  
professores  
e ensino  
de língua  
portuguesa

contribuições  
para reflexões,  
debates e ações

## COMISSÃO EDITORIAL

*Ana Cristina Ostermann*

(Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

*Eulália Fraga Leurquin*

(Universidade Federal do Ceará)

*Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes*

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

*Maria Cândida Trindade Costa De Seabra*

(Universidade Federal de Minas Gerais)

*Maria Da Graça Costa Val*

(Universidade Federal de Minas Gerais)

*Rafaela Fetzner Drey*

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul)

Ana Maria de Mattos Guimarães  
Delaine Cafiero Bicalho  
Anderson Carnin  
(organizadores)

caminhos da construção

---

**F**ormação de  
professores  
e ensino  
de língua  
portuguesa

contribuições  
para reflexões,  
debates e ações

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Formação de professores e ensino de língua portuguesa :  
contribuições para reflexões, debates e ações / Ana Maria  
de Mattos Guimarães, Delaine Cafiero Bicalho, Anderson  
Carnin, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de  
Letras, 2016. – (*Série Caminhos da Construção*)

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-460-1

1. Português – Estudo e ensino 2. Prática de ensino 3.  
Professores – Formação profissional I. Guimarães, Ana  
Maria de Mattos. II. Bicalho, Delaine Cafiero. III. Série.

16-08030

CDD-370.71

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Professores de língua portuguesa :  
Formação profissional : Educação 370.71

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide

*imagem:* [www.pinterest.com.br](http://www.pinterest.com.br)

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-lettras.com.br](http://www.mercado-de-lettras.com.br)

[livros@mercado-de-lettras.com.br](mailto:livros@mercado-de-lettras.com.br)

1ª edição

**2 0 1 6**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---



# SUMÁRIO

FORMAÇÃO E ENSINO NA VISÃO PLURAL  
DE PESQUISADORES: CONTRIBUIÇÕES PARA  
REFLEXÕES, DEBATES E AÇÕES ..... 7  
*Ana Maria de Mattos Guimarães, Anderson Carnin e  
Delaine Cafiero Bicalho*

## **Parte I – PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

PROFESSOR EM FORMAÇÃO CONTINUADA COMO  
PROTAGONISTA DE SEU FAZER DIDÁTICO:  
A IMPORTÂNCIA DA ATORIALIDADE ..... 21  
*Ana Maria de Mattos Guimarães*

UM OLHAR PARA O TRABALHO DO PROFESSOR  
EM FORMAÇÃO CONTINUADA NO  
(PLANEJAMENTO DO) ENSINO DA ESCRITA ..... 49  
*Anderson Carnin*

DESAFIOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL..... 81  
*Joaquim Dolz e Carla Silva-Hardmeyer*

PROJETOS DIDÁTICOS DE GÊNERO, MULTIMODALIDADE,  
USO DE TECNOLOGIAS E PARTICIPAÇÃO EM  
COMUNIDADE DE PRÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA  
NA INICIAL FORMAÇÃO DE PROFESSORES. . . . . 115

*Dorothea Frank Kersch e Renata Garcia Marques*

**Parte II – PRÁTICAS DE ENSINO E LIVROS DIDÁTICOS**

O DICIONÁRIO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA:  
ALGUMAS POSSIBILIDADES EXPLORATÓRIAS . . . . . 145

*Maria da Graça Krieger*

CASOS E EXEMPLOS NA PRÁTICA ESCOLAR DE REFLEXÃO  
LINGUÍSTICA: UM DIÁLOGO EM ANDAMENTO. . . . . 169

*Maitê Gil e Luciene Juliano Simões*

LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO: COMPREENSÃO DA  
ARGUMENTAÇÃO E FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO . . . . . 195

*Deuzina Elaine M. Casteluber e Delaine Cafiero Bicalho*

**Parte III – PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICAS**

RELAÇÕES DIALÓGICAS NO ENSINO DA ESCRITA:  
PAPÉIS E EFEITOS DA CORREÇÃO DE TEXTOS NO PROCESSO  
DE APROPRIAÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO . . . . . 227

*Juliana Alves Assis*

DAS PRÁTICAS DE LEITURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA E A  
VIVÊNCIA DA LEITURA EM SALA DE AULA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS E  
NECESSÁRIOS ASSUMIDOS NA POSTURA ETNOGRÁFICA. . . . . 259

*Cristiane Maria Schnack*

SOBRE OS AUTORES. . . . . 285



FORMAÇÃO E ENSINO NA VISÃO PLURAL  
DE PESQUISADORES: CONTRIBUIÇÕES  
PARA REFLEXÕES, DEBATES E AÇÕES

*Ana Maria de Mattos Guimarães*

*Anderson Carnin*

*Delaine Cafiero Bicalho*

Os diferentes trabalhos presentes neste livro têm uma origem comum: o projeto de colaboração acadêmica entre o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG –, a partir de edital PROCAD/Casadinho 2012 do CNPq. Intitulado *Ensino de Língua Portuguesa e Desenvolvimento: formação de quadros e práticas educativas inovadoras*, o projeto se propôs a produzir conhecimento e interagir em processos educativos de leitura e produção escrita no sistema público de ensino. Nesse sentido, objetivou a construção de novos conhecimentos relativos ao ensino de língua materna e à formação continuada de professores de Língua Portuguesa do sistema público de ensino.

A proposta apresentou como diferencial a possibilidade de intervir na realidade do ensino de Língua Portuguesa através

do desenvolvimento de projetos (de formação e de ensino) voltados à Educação Básica. Para isso, os dois parceiros do projeto, comprometidos com concepções de educação, mais especificamente de ensino e aprendizagem de língua materna assentadas em princípios interacionistas, voltaram seu olhar, num primeiro momento, para as realidades gaúcha e mineira, de modo a aprofundar a compreensão dos possíveis modos de interlocução com a Educação Básica a serem explorados. Partimos do princípio de que a língua atua como instrumento de mediação dos comportamentos humanos. A atividade linguageira, oral ou escrita, tem caráter transversal em todas as disciplinas escolares, sendo que a escrita acaba atuando (confira Dolz *et al.* 2010) centralmente na aprendizagem das disciplinas escolares, pois age como um filtro. “Todas elas (as atividades de aprendizagem) precisam da produção escrita; integrando-a, todas podem contribuir de um modo ou de outro para seu desenvolvimento” (*op. cit.*, p. 16). É necessário entender ainda que se parte de um enfoque do interacionismo social, de orientação vygotskiana (Vygotski 1939[1993]; Donato 1994; Schneuwly e Dolz 2004; Bronckart 2006), que coloca o aprendiz no centro do processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, cada aluno torna-se o principal agente de seu aprendizado. Isso afeta fortemente o papel do professor, que passa a ser visto como um mediador entre o que o aluno atualmente detém do conhecimento e o que deve ser desenvolvido.

A partir de tais pressupostos, um conceito subjaz aos trabalhos realizados: a concepção de linguagem como interação. Nesse sentido, os dois parceiros originais (PPGLA da Unisinos e POSLIN da UFMG) procuraram estender a rede de diálogo entre pesquisadores que desenvolvem trabalhos na formação inicial ou continuada de docentes e sobre o ensino de Língua Portuguesa. Novas parcerias foram estabelecidas, especialmente com o Programa de Pós-



Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), ampliando significativamente o escopo de (atu)ação do projeto. Essa interação entre pesquisadores permitiu trocas diferenciadas e trânsito entre teorias que tenham princípios comuns, o que é extremamente saudável no ambiente acadêmico e pode contribuir para o desenvolvimento da profissionalidade docente de todos os envolvidos. Tivemos ainda a interlocução com a Universidade de Genebra (UNIGE), através do Professor Joaquim Dolz, que é uma figura marcante quando se fala de didática de línguas.

Agradecemos a todos os autores que se dispuseram a contribuir para dar diferentes matizes teórico-práticas à formação docente e ao ensino de Língua Portuguesa, como apresentaremos a seguir. Agradecemos também à nossa Comissão Editorial, composta pelas professoras doutoras Ana Cristina Ostermann (Unisinos), Eulália Fraga Leurquin (UFC); Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes (PUC Minas); Maria Cândida Seabra (UFMG); Maria da Graça Costa Val (UFMG) e Rafaela Fetzner Drey (IFSul), cujo trabalho certamente contribuiu muito para que nosso livro crescesse em qualidade. Finalmente, um agradecimento especial à *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (RBLA), pela autorização para publicação do artigo de Maitê Gil e Luciene Simões.

Este livro traz, então, um amplo painel de questões que se relacionam à formação de docentes e ao ensino de Língua Portuguesa e que, esperamos, possa contribuir de alguma maneira para que (novas) reflexões, debates e ações possam surgir a partir de sua leitura. A primeira parte dedica-se, mais acentuadamente, à formação de professores, seja ela continuada ou inicial.

Nessa direção, o capítulo “Professor em formação continuada como protagonista de seu fazer didático: a importância da atorialidade”, de Ana Maria de Mattos Guimarães, explora a hipótese de que o protagonismo atribuído a participantes de uma formação continuada é decisivo para o seu desenvolvimento profissional. A partir de dados de pesquisa desenvolvida por quatro anos com docentes da Educação Básica, a autora compara planejamento e execução de atividades didáticas, que envolvem trabalho com gêneros de texto, realizadas por duas docentes. Princípios epistemológicos compartilhados coletivamente durante a formação continuada e modelos didáticos de gênero (MDG) feitos também pelo grupo em formação foram o ponto de partida para a produção de diferentes projetos didáticos de gênero (PDG). A partir desse contexto, a autora empreende uma análise de dois PDG e mostra que os professores que os produziram procuraram adaptar o MDG utilizado às capacidades de linguagem demonstradas por seus aprendizes, relacionando ainda esse trabalho a questões da profissionalidade docente. A partir disso, a autora discute como foi possível observar traços da *atorialidade* dessas professoras, que ressignificaram o MDG construído coletivamente para sua ação de docência particular, considerando justamente seus interactantes e suas capacidades. Guimarães conclui enfatizando a importância de uma formação continuada que dê voz ao professor e estimule sua atorialidade para, dessa forma, atingir (e desenvolver continuamente) sua profissionalidade, o que pode embasar práticas educativas inovadoras.

O segundo capítulo, “Um olhar para o trabalho do professor em formação continuada no (planejamento do) ensino da escrita”, de Anderson Carnin, focaliza a transposição didática que uma professora em formação continuada realizou de um gênero de texto no (para o) ensino da escrita. Seu texto retoma alguns dos conceitos-chave para o ensino da escrita através da

opção metodológica de projetos didáticos de gênero (PDG). Suas análises, que procuram marcas de desenvolvimento profissional e apontam para o fato de que tanto o conceito de gênero de texto quanto o próprio conceito de PDG (e a relação de transposição didática que os une), e as suas representações presentes no material por ele analisado, se assentam numa relação não linear, com sobressaltos, recuos e avanços, que o autor procura apontar analiticamente através de conceitos como *adoção*, *adaptação* (Bronckart 1999), *solidarização* e *sobreposição* (Bronckart e Giger 1998) presentes na materialidade da transposição didática efetuada pela docente em formação continuada. O capítulo é concluído reforçando que “o envolvimento da teoria (partilhada na/pela formação continuada) com a prática (de sala de aula) conduziu a construção de uma reflexão (docente) única, singular e mesmo irrepetível, inerente a processos de desenvolvimento profissional”.

O capítulo seguinte, assinado por Joaquim Dolz e Carla Silva-Hardmeyer, “Desafios para o ensino de Língua Portuguesa e a formação de professores no Brasil” apresenta uma breve linha histórica do ensino da Língua Portuguesa em nosso país, relacionando-a com diferentes concepções de linguagem. Partidários de uma concepção interacionista e variacionista, os autores se preocupam em como fazê-la chegar à formação de docentes. Enfatizam a perspectiva de ensino de gêneros, por implicar um trabalho com as práticas sociais e linguageiras de referência. Apontam ainda os desafios emergentes que perpassam esse caminho. São explorados, ao longo do texto, sete desafios, que enumeramos a seguir, aguçando a curiosidade do leitor para sua leitura detalhada: *i) desenvolver o letramento numa perspectiva variacionista e multimodal; ii) fundamentar as aprendizagens em uma cultura de base sobre a língua, a comunicação e os textos do patrimônio linguístico; iii) estabelecer critérios de avaliação em uma perspectiva “plurinormativa”; iv) desenvolver o currículo, adaptando-o aos*

*contextos; v) trabalhar especificamente a Língua Portuguesa; vi) melhorar as condições de trabalho na aula de Língua Portuguesa; vii) facilitar o agir didático dos professores.* Na parte final de seu capítulo, revisitam a formação docente, vista como um processo, trazendo o exemplo desenvolvido pelo grupo FORENDIF da Universidade de Genebra, que pensa e analisa o sistema de formação sob o ponto de vista do que chamam de uma “dupla triangulação”, que envolve formadores e formandos no sistema de formação e professores (formandos) e seus alunos nas práticas de sala de aula. Como afirmam os autores “a questão principal é como fundamentar os saberes a ensinar e para ensinar, criando uma alternância entre os saberes teóricos de base e as experiências práticas dos formandos”. Encerrando o capítulo, os autores voltam-se para os desafios atuais da formação do professor de Língua Portuguesa.

Fechando essa primeira parte do livro, Dorotea Frank Kersch e Renata Garcia Marques, no capítulo “Projetos didáticos de gênero, multimodalidade, uso de tecnologias e participação em comunidade de prática: uma experiência na inicial formação de professores”, trazem a experiência da introdução de uma disciplina, em um curso de graduação em Letras, sobre leitura e produção de gêneros multimodais mediados por tecnologias. Com foco nesse cenário de “gêneros multimodais que circulam na esfera digital”, as autoras procuraram, na disciplina por elas concebida, articular a metodologia (ativa) dos projetos didáticos de gênero às (sempre necessárias) reflexões sobre os novos letramentos, de caráter multimodal, multissemiótico ou hipermediático, ao planejamento do ensino de Língua Portuguesa. Suas reflexões encaminham uma análise tanto do *design* da própria disciplina quanto da experiência de formação e aprendizagem vivenciada por seus alunos na “comunidade de prática” que se construiu ao longo do curso. Concluem as autoras reforçando a imperativa necessidade de que os (futuros) professores experienciem os multiletramentos e os letramentos

múltiplos para que, assim, possam à sala de aula levar propostas de ensino que os considerem mais legitimamente.

Inaugurando a segunda parte deste volume, que mantém um olhar para a formação de professores, mas se volta mais explicitamente a práticas de ensino relacionadas a materiais didáticos presentes em contexto escolar (como dicionários escolares e livros didáticos), Maria da Graça Krieger, em seu texto “O dicionário no ensino de língua materna: algumas possibilidades exploratórias”, avança no postulado de que o dicionário é um “lugar de lições sobre a língua” (Krieger 2012, p. 19) e de que sua relação com o ensino pode ser ainda mais produtiva. Sem deixar de considerar que a formação de professores poderia também se beneficiar de um trabalho mais sistemático com a lexicografia (pedagógica ou didática), a autora argumenta na direção que um melhor conhecimento, por parte do professor, de como são produzidos e organizados os dicionários (e os diferentes tipos de dicionários recomendados ao contexto escolar pelo Ministério da Educação), pode contribuir para um avanço em práticas de ensino que tomem o dicionário como um importante instrumento de ensino. A partir de uma discussão acerca dos modos de organização de dicionários escolares, e focalizando exemplos extraídos de dicionários de tipo 3, Krieger explora possibilidades de trabalho com o dicionário em sala de aula de língua materna, visando a reforçar a necessidade de que a escola considere mais efetivamente a (aparentemente contraditória) necessidade de ensinar o aluno a “compreender e a usar com autonomia as obras lexicográficas”.

Na sequência, Maitê Gil e Luciene Simões, em “*Casos e exemplos* na prática escolar de reflexão linguística: um diálogo em andamento”, a partir de um detalhado trabalho de análise de como livros didáticos de Português, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2011) do Ensino Fundamental, tratam a questão do uso (e reflexão sobre o uso) de determinadas formas linguísticas, propõem uma

nova maneira de considerar essa questão. Estabelecendo uma distinção conceitual entre *casos* e *exemplos*, sendo, na perspectiva das autoras, *exemplos* objetos ilustrativos de determinadas formas linguísticas e *casos* objetos que permitem uma maior reflexão sobre o uso de determinadas formas linguísticas, Gil e Simões discutem as possibilidades que a instauração dessa diferença em aulas de língua materna pode ocasionar no desenvolvimento de práticas de ensino de leitura e escrita. Além disso, reforçam a importância dessa perspectiva num trabalho que considere a diversidade cultural e linguística daqueles que hoje frequentam nossas escolas. Como argumento final, as autoras também evidenciam que a distinção entre *casos* e *exemplos* pode servir ao professor na escolha de livros didáticos que, de alguma maneira, possam contribuir para que essa prática ganhe mais espaço nas aulas de Língua Portuguesa.

Deuzina Casteluber e Delaine Cafiero Bicalho, em “Leitura no livro didático: compreensão da argumentação e formação do leitor crítico”, trazem à discussão resultado de pesquisa que tomou o livro didático de Língua Portuguesa (LDP) e o trabalho com leitura de textos argumentativos como objeto de investigação. O objetivo era verificar em que medida o trabalho proposto por uma coleção de livros didáticos auxilia no desenvolvimento de um aluno leitor ativo e crítico. Para tanto, as autoras tomam como exemplo o trabalho realizado com o gênero “artigo de opinião”, descrevendo, analisando e problematizando o que uma unidade do LDP analisado propõe como atividades de leitura para esse gênero, fortemente marcado pela relação argumentativa que assume no universo de práticas sociais que o engendram. Evidenciando as limitações das atividades de leitura propostas, Casteluber e Bicalho sinalizam para a relação entre tradição e inovação presente no LDP no que concerne ao trabalho com leitura: embora atendam a orientação de trabalhar a partir de gêneros de texto, as atividades propostas consideram muito mais a *forma* do que a *função* que o gênero assume em

sociedade (e mesmo com relação às estratégias linguístico-discursivas mobilizadas na produção desse gênero). Nesse sentido, as autoras reforçam a ideia de que o trabalho com leitura na coleção analisada não cumpre o papel de desenvolver um aluno leitor ativo e crítico. Assim, ainda que os LDP sigam avançando e melhorando, cabe, segundo Casteluber e Bicalho, que o professor se torne autor de suas aulas (inclusive as com o LDP), de modo a fazer avançar o conhecimento do aluno e sua criticidade diante daquilo que lê.

A terceira parte deste volume traz dois textos em que práticas de intervenção pedagógicas sobre a escrita e a leitura são tematizadas. Em “Relações dialógicas no ensino da escrita: papéis e efeitos da correção de textos no processo de apropriação de gêneros do discurso”, de autoria de Juliana Alves Assis, a tarefa de correção de textos, inerente ao trabalho do professor e ao processo de ensino e aprendizagem da escrita, foi objeto de reflexão e análise. Colocando em exame os “papéis assumidos pelo professor na correção de textos” e “os efeitos da correção de textos no processo de apropriação dos gêneros”, a autora, a partir de dois projetos de pesquisa distintos, apresenta relevantes contribuições na direção de evidenciar os “perfis” de correção adotados por diferentes professores e a relação disso no processo de aprendizagem da escrita por alunos universitários; bem como o impacto que determinados “gestos de correção” assumem na reescrita de textos de alunos da Educação Básica e na construção de um “aluno autor”, cuja responsabilidade enunciativa é convocada a partir de um “projeto de dizer”. Na relação que a escrita, seu ensino e sua aprendizagem, guarda com práticas de letramento, o estudo de Assis também pode fornecer importantes pistas para a formação de professores mais orientada por um olhar para o texto do aluno (e sua correção) como uma situação de diálogo, de interlocução, de construção de relações mais significativas entre o sujeito que (re)escreve e aquele que lê.

Por fim, Cristiane Maria Schnack, em seu capítulo intitulado “Das práticas de leitura para além da sala de aula e a vivência da leitura em sala de aula: diálogos possíveis e necessários assumidos na postura etnográfica”, traz à discussão a relação existente entre leitura, letramento e a escola (e o que ocorre para além dela). Sob o prisma teórico da etnografia, a autora discute a necessidade de que práticas (interacionais) sociais de leitura sejam consideradas pelo professor de língua materna, em detrimento de práticas que escolarizam (demasiadamente) a leitura e/ou que desconsideram as vivências que os alunos (já) possuem com práticas de leitura. Na esteira das discussões advindas da etnografia americana, Schnack propõe que o professor de Língua Portuguesa (mas não só ele) assuma uma postura de etnógrafo de sua sala de aula e dos contextos que a ela se justapõem, de modo a olhar mais atentamente às práticas que circundam a leitura nesses espaços e que, a partir disso, possa promover intervenções pedagógicas mais orientadas para o desenvolvimento (situado) de práticas de letramento para os cenários em que atua. Esse trabalho certamente pode contribuir para que o professor, a partir do conhecimento das práticas de letramento dos alunos – e da não estigmatização dessas práticas –, possa ampliá-las de modo mais significativo e culturalmente sensível, levando os alunos a circularem de modo mais seguro em contextos outros em que a leitura de diferentes gêneros seja requerida/valorizada.

A pluralidade de visões, posicionamentos teóricos e objetos de reflexão presentes nos nove capítulos deste livro evidenciam o quão amplo é o universo de práticas e conhecimentos relativos ao ensino de língua materna e à formação de professores de Língua Portuguesa. Na expectativa de poder contribuir para que o debate e a pesquisa acadêmica possam, cada vez mais, dialogar de modo mais próximo com a realidade da Educação Básica e fomentar práticas educativas inovadoras é que os apresentamos aqui. Boa leitura!



## Referências

- BRONCKART, J. P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras.
- BRONCKART, J. P. e GIGER, I. P. (1998). “La transposition didactique: histoire et perspectives d’une problématique fondatrice.” *Pratiques*, nº 97/98, pp. 35-58.
- DOLZ, J; GAGNON, R. e DECÂNDIO, F. (2010). *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas: Mercado de Letras.
- DONATO, R. (1994). “Collective Scaffolding in Second Language Learning”, *in*: LANTOLF, J. P. e APPEL, G. (orgs.) *Vygotskian Approaches to Second Language Research*. Nova Jersey: Norwood.
- KRIEGER, M. G. (2012). *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (2004). “Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino”, *in*: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, pp. 71-94.
- VYGOTSKI, L. S. (1939[1993]). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.